



A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS COMO DISCIPLINA NO ENSINO FUNDAMENTAL : UM OLHAR EM DUAS ESCOLAS PÚBLICAS MUNICIPAIS DE PARNAÍBA.

Fracivane Pinho de Souza¹ Elisangela Maria de Oliveira²

(Universidade Federal do Piauí UFPI-UAB¹ vannepb@hotmail.com ; Universidade Federal do Piauí- CMRV²
elisangela@redeskynet.com.br)

INTRODUÇÃO

A escola é um espaço social importante na formação dos indivíduos em todos os seus aspectos. É um espaço de aprendizagem de diferenças e de trocas de conhecimento, por isso deve atender a todos sem distinção, a fim de não promover fracassos, discriminações e exclusões. As crianças surdas entram na escola sem conhecer a língua, isso porque a maioria delas vem de famílias ouvintes que não sabem a língua de sinais, contudo, percebe-se a necessidade de inserir a LIBRAS no contexto escolar, não só como conteúdo, mas, como disciplina a ser ensinada, por isso, é importante que o ensino de LIBRAS seja incluído nas séries iniciais do Ensino Fundamental para que o surdo possa adquirir uma língua e posteriormente receber informações escolares em língua de sinais.

É interessante analisar as propostas pedagógicas da escola, pensando na inserção da LIBRAS. Uma vez que com a inclusão social, os professores devem estar qualificados e preparados para receber crianças especiais, surdas ou deficientes auditivas o que não acontece. A inserção da Língua Brasileira de Sinais como disciplina no ensino fundamental, não veio do acaso, essa vontade partiu de leituras realizadas e de relatos de professores, que não sabiam como trabalhar, ou desenvolver qualquer atividade com crianças surdas em sala de aula. Analisando esse pressuposto, veio a necessidade de fazer a investigação e assim saber a opinião dos docentes, em ter a LIBRAS como disciplina.

Acreditamos que essa pesquisa tenha significado positivo, ao esclarecer e tirar dúvida dos professores a respeito da língua de sinais, fazendo-os ter uma visão mais holística a respeito da temática. A função da LIBRAS na escola, é essencial para o desenvolvimento do surdo, por isso, a instituição não pode apenas colocar duas línguas na classe, é preciso que



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

seja pensado a priori no curricular da escola, de forma que haja a inserção adequadamente correta e planejada, outro ponto relevante desrespeita aos profissionais, uma vez que é necessário a qualificação dos mesmos para favorecer surdos e ouvintes, a fim de tornar o ensino apropriado a particularidade de cada aluno. Contudo, Skliar (2005, p.27) menciona:

Usufruir da língua de sinais é um direito do surdo e não uma concessão de alguns professores e escolas”. A escola deve apresentar alternativas voltadas às necessidades linguísticas dos surdos, promovendo estratégias que permitam a inclusão e o desenvolvimento da língua de sinais como primeira língua.

As coisas não podem ser apenas decididas e jogadas é preciso estabelecer um plano de ação político-pedagógico que envolva a inclusão das pessoas portadoras de necessidades especiais. Uma vez que a Educação Especial delinea um processo de construção e compreensão de posicionamentos quanto às orientações e diretrizes atuais. Com o processo de inclusão dos portadores de necessidades especiais no ensino fundamental, deve-se levar em consideração as mudanças frequentes, quanto a isso, os profissionais sabem que existe uma grande preocupação no rendimento escolar, por isso, o educador deve estar preparado para lidar com situações constrangedoras, pois terá contato com diferentes tipos de alunos.

Existe ainda, uma grande preocupação quanto a participação dos pais na escola, pois são poucos os presentes na educação escolar. Os mesmos muitas vezes desconhecem a LIBRAS, e utilizam gestos que são reproduzidos naturalmente. Nesse processo de inclusão deve ser feito um trabalho de conscientização no âmbito escolar, sendo essencial para a construção de uma sociedade justa e igualitária, para que as diferenças sejam consideradas e respeitadas. Mas, para isso é necessário que os discentes abracem essa situação. E buscando maior compreensão, houve-se a necessidade de conhecer; Qual a posição dos professores quanto a inserção da Língua Brasileira de Sinais como disciplina?. Para o alcance da resposta, elencamos o seguinte Objetivo Geral: Verificar a posição dos professores sobre a inserção da LIBRAS como disciplina no Ensino Fundamental nas Escolas Públicas. Específicos: Identificar se os professores estão preparados para receber alunos surdos. Verificar a opinião dos educadores sobre LIBRAS e sua relevância. Analisar se os docentes são contra ou a favor da inclusão de alunos surdos no ensino regular.

2. METODOLOGIA



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A pesquisa foi realizada em duas Escolas Públicas Municipais da cidade de Parnaíba-PI. E.M Frei Rogério de Milão e E.M Maria das graças Lopes Bezerra, com professores que atuam no Ensino Fundamental na referida Instituição, as interlocutoras possuem graduação em Pedagogia e Especialização. As interlocutoras tiveram seus nomes preservados no trabalho.

Na presente pesquisa, a técnica para análise de dados foi o questionário, fizemos uso do mesmo para traçar o perfil dos participantes, sendo necessário o seu uso na abordagem qualitativa. O questionário foi a ferramenta escolhida para a coleta de dados pela sua facilidade na aplicação e por ser o melhor instrumento para a participação das professoras. Segundo Chizzotti (2006,p.57), “Questionário é um conjunto de questões pré-elaboradas, sistemática e sequencialmente, dispostas em itens que constituem o tema da pesquisa, com o objetivo de suscitar dos informantes respostas por escrito ou verbalmente sobre o assunto que os informantes saibam opinar, ou informar”.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Diante da importância da comunicação Lima (2013 p.15) Dialoga afirmando que a língua permite ao homem estruturar seu pensamento, traduzir o que sente, registrar o que conhece e comunicar-se com outros homens. Ela marca o ingresso do homem na cultura, construindo-o como sujeito capaz de produzir transformações nunca antes imaginadas. Diante do exposto o primeiro questionamento foi referente à língua de sinais e sua relevância.

Professora 1: A sigla já destaca, é uma linguagem e a sua relevância é de grande importância em oportunizar a comunicação aqueles que dela necessitam.

Professora 2: Entendo libras como uma língua de sinais usada para comunicação e entre os surdos.

A professora 1, define que é importante para as pessoas que necessitam, porém não especificou as pessoas que necessitam, e se complicou mais ainda em dizer que é uma linguagem, penso que a mesma não sabe que a Língua Brasileira de Sinais é uma língua porque possui toda uma estrutura gramatical própria, com sintaxe, semântica e morfologia. A docente 2 está certa em dizer que é uma língua, mas esquece que a Língua de Sinais é usada para a comunicação entre surdos e ouvintes. concordando com Oviedo (1996), "língua"



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

designa um específico sistema de signos que é utilizado por uma comunidade para se comunicarem. Já "linguagem" está relacionada à capacidade da espécie humana para se comunicar através de um sistema de signos.

No entanto instigamos as mesmas, e foram questionadas se concordam com o ensino da LIBRAS como disciplina, ou ter o interprete na sala de aula é o suficiente?. Obtive como resposta:

Professora 1: Acredito que seria mais viável um interprete, pois o próprio sistema oferta de forma deficiente a disciplina, em poucas horas não dar pra adquirir os conhecimentos necessários.

Professora 2: Na minha opinião, o ensino de libras já deveria fazer parte da grade curricular, desde a educação infantil, pois tendo uma apropriação da língua consequentemente propiciará uma maior aproximação entre os surdos e ouvintes

Na opinião da professora 1, um interprete na sala de aula seria o suficiente, e afirma ainda que o sistema oferta poucas horas para as disciplinas e assim não dar tempo de aprender. Uma ideia a ser acrescentada é que a disciplina não seria ensinada em uma semana ou um mês e sim dentro de um ano, o que teria muito tempo para ser ensinado e aprendido. A opinião da docente 2, enriquece ao dizer que deveria ser trabalhado desde a educação infantil. (BOTELHO, 2007). Afirma que “apropriar-se efetivamente da Língua de Sinais, assim como de qualquer outra língua, requer muito mais que um semestre ou mesmo um ano todo de curso”.

Perguntamos ainda se as educadoras estão preparadas para receber alunos surdos na sala de aula?. Ambas responderam que:

Professora 1: Infelizmente não, fiz alguns cursos, mas como não faz parte do meu uso diário, lembro apenas de algumas coisas, se fizesse uso constante, acredito que estaria apta a receber crianças com essa necessidade.

Professora 2: Infelizmente não me sinto preparada, uma vez que não tenho nenhuma compreensão da língua de sinais.

As professoras não se encontram preparadas para atender ou receber uma criança surda em sua sala, e essa realidade é de muitas, sabe-se que esse despreparo trás algumas consequências, uma vez que quando tem um aluno surdo na sala de aula, a única atividade passada para o mesmo é pintura, e na maioria das vezes recebem o apelido de mudinho. A Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB, nº 9394/1996) estabelece que “os sistemas de ensino deverão assegurar, principalmente, professores especializados ou devidamente capacitados que possam atuar com qualquer pessoa especial na sala de aula”.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Indagamos as professoras se elas são contra ou a favor da inclusão de alunos surdos na escola regular ?.

Professora 1: Se houvesse um acompanhamento de um profissional especializado nas salas regulares acredito que haveria um feedback na aprendizagem, mas uma escola bilíngüe com certeza seria um grande avanço na educação de forma geral e um grande desenvolvimento na vida da pessoa.

Professora 2: Sou a favor da inclusão, pois não deve haver segregação de nenhum grupo. Mas para que essa inclusão ocorra de fato é indispensável que haja um preparo por parte da escola como um todo, para receber e inserir os surdos no contexto escolar, verdadeiramente, e não só receber por receber.

O educador deve qualificar-se sempre, uma vez que não sabe o público que o espera na sala de aula. Além de ser inovador tem que saber exercer suas práticas pedagógicas atendendo aos discentes na qual está trabalhando e mais ainda atendendo as necessidades dos alunos. Se não houver essa qualificação ou profissionais para atender essas necessidades, nunca haverá inclusão apenas integração de alunos. Fica claro que os docentes devem qualificar-se para aprender Língua de Sinais uma vez que é a nossa segunda língua.

CONCLUSÃO

A Língua Brasileira de Sinais como disciplina deve proporcionar interação de alunos surdos com ouvintes e professor, entretanto a inclusão escolar do discente com surdez deve ocorrer de forma bastante planejada. A realização de atividades com crianças ouvintes e surdas devem buscar integração e beneficiar ambos. Assim o espaço educacional deve ser muito interessante de modo que alunos ouvintes e com surdez tenham prazer em estarem inseridos nela, e compartilhem as mesmas atividades. Esse mesmo espaço, deve promover atividades sociais que incluam crianças surdas e ouvintes em um planejamento que haja a participação e envolvimento de todos.

Os educandos devem usar suas habilidades por meio da interação com os professores e outros profissionais do quadro da escola, como os colegas. O orgulho das crianças com surdez por sua língua deve ser incentivado pela escola, porém, isso requer a presença de profissionais surdos no programa, apoio de professores ouvintes e a construção de uma nova cultura educacional.

Depois dos dados coletados e análise dos mesmos, ficou compreendido que os profissionais não estão preparados para a inserção da Língua Brasileira de Sinais como



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

disciplina no Ensino Fundamental e conseqüentemente receber alunos surdos na sala de aula, isso porque não tem conhecimento sobre a Língua Brasileira de Sinais, um dos fatores que impedem os professores de aceitar a mesma como disciplina, as docentes concordam que deve haver inclusão e no entanto, não fazem jus a formação continuada que qualifica o professor para atender necessidades e dificuldades na sala de aula.

Sendo a escola um espaço de proliferação do conhecimento, é da mesma que deve partir o passo inicial, de forma que desenvolvam capacitação sobre inclusão para os profissionais, e esses levem para a sala de aula de modo que seja disseminado o conhecimento. A língua Brasileira de Sinais como disciplina, irá proporcionar conhecimento tanto para o aluno surdo quanto para o ouvinte, podendo ocorrer maior interação entre ambos, o que não acontece apenas com o interprete na sala de aula, e além do mais, a LIBRAS é a nossa segunda língua, sendo assim todos tem que ter conhecimento sobre a mesma. Por isso é salutar a inserção da mesma no currículo escolar assim como tem a disciplina de língua estrangeira.

REFERENCIAS

BOTELHO, Paula. **Linguagem e Letramento na educação dos surdos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

CHIZZOTTE, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2006. (Série Biblioteca da educação, 16).

LDB – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

LIMA, Maria Collet de Araujo. **Educação infantil : saberes e práticas da inclusão : dificuldades de comunicação e sinalização : surdez**. [4. ed.] Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal... [et. al.]. – Brasília : MEC, Secretaria de Educação Especial, 2013. 89 p. : il.

OVIEDO, Alejandro. "**Lengua de Señas**", "**Lenguaje de Signos**", "**Lenguaje Gestual**", "**Lengua Manual**"? Razones para Escoger una Denominación. In: El Bilingüismo de los Sordos. Ministério de Educaciona Nacional - Instituto Nacional para Sordos. 1996

SKLIAR, Carlos; **A Surdez, um olhar sobre as diferenças**. 3ª edição; ed. Mediação – Porto Alegre – RS – 2005.